

A CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM NO CONTO “INFERNO VERDE”, DE ALBERTO RANGEL

THE CONFIGURATION OF LANDSCAPE IN THE SHORT STORY “INFERNO VERDE” BY ALBERTO RANGEL

Raimundo de Souza Mar ¹

ROR Universidade do Estado do Amazonas

netodesouzamar@gmail.com



Kenedi Santos Azevedo ²

ROR Universidade do Estado do Amazonas

ROR Universidade Federal do Rio de Janeiro

kazevedo@uea.edu.br



RESUMO: O presente artigo tem como propósito discutir de que maneira a paisagem é configurada na narrativa de Alberto Rangel, tendo como corpus de análise o conto homônimo à obra *Inferno Verde*. Realizou-se este estudo com vista na perspectiva de que este aspecto do espaço, é um elemento apresentado, considerando sua dinamicidade e diversidade, configurando-se em um constituinte que se arquiteta em interação com outros componentes que fazem parte da narrativa. Deste modo, como respaldo teórico usado, recorreu-se às percepções de Michel Collot em seu artigo “Pontos de vista sobre a percepção de paisagens”, em que este contribui com discussões sobre as concepções de paisagem. Além disso, apoiou-se, também, em Allison Marcos Leão da Silva, com sua tese “Representações da natureza na ficção amazonense”, na qual se detém a estudos consistentes sobre a forma de representatividade da natureza amazônica na ficção. E para melhor compreensão sobre o relato “*Inferno Verde*”, recorreu-se a Marco Aurélio Coelho de Paiva, estudioso que analisa o método criativo de Rangel referente à construção de uma representação da Amazônia comparada ao sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Natureza. Espaço. Inferno Verde.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the landscape is configured within the narrative of Alberto Rangel, having as a corpus of analysis the eponymous short story from the work *Inferno Verde*. The study is conducted with the perspective that this aspect of space is a dynamic and diverse element, constituting an interaction with other components that are part of the narrative. The theoretical framework draws on the perceptions of Michel Collot in his article “Points of View on the Perception of Landscapes,” which contributes to discussions on the conceptions of landscape. Additionally, the work references Allison Marcos Leão da Silva’s thesis “Representations of Nature in Amazonian Fiction”, which offers substantial studies on the representation of Amazonian nature in fiction. For a deeper understanding of the narrative “*Inferno Verde*,” the analysis also includes insights from Marco Aurélio Coelho de Paiva, a scholar who examines Rangel’s creative method regarding the construction of a representation of the Amazon compared to the Sertão.

KEYWORDS: Landscape. Nature. Space. Inferno Verde.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2019). Graduação em andamento em Pedagogia do Campo pela mesma universidade. Atualmente é Professor de Língua Portuguesa da Dioneia Alves Mittouzo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

2 Graduação em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (2010) e Mestrado em Letras: Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013). Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

doi 10.29281/rd.v12i24.16256

Fluxo de trabalho

Recebido: 12/10/2024

Aceito: 31/10/2024

Publicado: 07/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius

1 INTRODUÇÃO

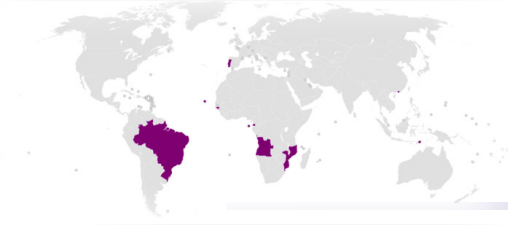
Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas, eis o livro a que propomos analisar, detalhando, em princípio, cada termo presente em seu título para, assim, podermos verificar de que maneira ocorre a arquitetura narrativa, suas imagens, miragens e paisagens.

A primeira palavra que merece atenção é a que vai centralizar todo o contexto dos relatos, a saber: Inferno. Esse vocábulo vem do latim *infernum*, designa habitação das almas dos mortos, lugar destinado ao castigo eterno da alma dos pecadores, por oposição ao céu. No sentido figurado é sinônimo de vida atribulada ou de sofrimento, em outras palavras, desassossego.

Verde, por outro lado, do latim *viridis*, é o resultado da combinação da cor amarelo com azul, muito encontrada no reino vegetal; espaço natural com vegetação. “Cenas e cenários”, no subtítulo, remetem a termos muito utilizados em peças teatrais, pois são ambientações ou apresentações artísticas, em que ocorrem as ações dos elementos de determinadas histórias e/ou representações da realidade ou da ficção. Cena vem do latim *scaena*, significa conjunto de objetos e efeitos cênicos que entram na composição do espaço de representação. Já cenário, também oriundo do latim *scenarium*, diz respeito ao conjunto das vistas e acessórios que ocupam o palco ou local de uma apresentação teatral ou televisual. Portanto, temos uma titulação que é composta de diversas informações que já nos instiga a pensar em muitos aspectos temáticos que serão encontrados na respectiva obra.

Inferno é um termo que, embora seja apresentado de várias perspectivas, se configura em todas as concepções como um vocábulo que expressa lugar, situação e/ou estado negativo para o ser humano. Dessa forma, caracterizando-se como um constituinte em oposição ao céu que é um lugar considerado positivo ao homem, pois é um espaço que designa paz, harmonia ou sossego, ou biblicamente: o paraíso. Logo, inferno evoca ao leitor a ideia de aflição, tormento, desarmonia e outros aspectos que se opõem a paz do homem.

Verde compreende a cor que remete, na maioria das vezes, à natureza, a qual apresenta a diversidade e abundância de distintas tonalidades desta cor. Essa coloração está intrinsecamente atrelada às florestas, plantas, folhas das árvores existentes no mundo. Em virtude dessa ligação, conseqüentemente, esta cor transmite a sensação de harmonia, equilíbrio ou frescor e paz da natureza. Deste modo, é notório o contraste entre tais palavras, a primeira emite a ideia de sofrimento, desespero e/ou aflição, e a segunda remete a sensações de apaziguamento, perspectiva positiva, esperança. Apesar da contrariedade existente entre estas palavras, o autor junta as duas, para então, dar



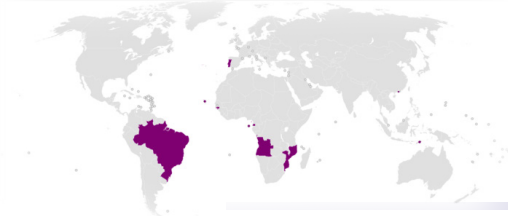
o nome a sua obra: *Inferno verde*, o qual é integrado pelo subtítulo que, ao invés de se contraporem, apresentam uma correlação.

“Cenas e cenários” são termos que quase sempre caminham juntos, pois as cenas correspondem às ações e aos atos que se desenvolvem na história, ou seja, as movimentações de personagens e outros componentes no cenário. Cenário diz respeito ao espaço real, virtual ou ficcional, onde determinada narrativa se passa, isto é, ambiente onde é contemplada a representação de uma peça teatral ou cinematográfica ou espetáculo semelhante, é neste lugar que os atos se efetivam. Então, a primeira impressão de que temos referente à obra em estudo é de que as cortinas vão se abrir para o início de mais uma narrativa, ou seja, de mais um espetáculo fictício.

Neste sentido, é inevitável não se impactar numa primeira leitura com a obra *Inferno Verde* (2008), o próprio título chama atenção, pois antes mesmo destes relatos serem lidos, o leitor é instantaneamente instigado a se questionar no que há de infernal em uma terra que já foi considerada um paraíso. Neste escrito, é apresentado um sumário que, de modo criativo, seus títulos parecem não ter conexão um com o outro, porém, no decorrer da leitura, são perceptíveis que seus contos se relacionam, sendo oferecida a possibilidade de se ler os onze contos, não apenas separadamente, mas em conjunto, ou como se fosse um romance.

Neste livro encontram-se 11 relatos que abordam aspectos sobre a própria Amazônia e sua ambientação. São narrados, pormenorizadamente, vários assuntos e flagrantes a respeito da realidade em que se encontrava aquela região, tais como: exploração, violência, escravidão, pobreza, situações socioeconômicas, a opressão da natureza, bem como a experiências de caboclos, seringueiros, ribeirinhos, indígenas e aventureiros que viviam na imensidão desta terra no final do século XIX e início do século XX. Estes temas são narrados por um narrador-viajante que induz os leitores a se aventurarem pelas matas amazônicas para conhecer como era a vida do morador local e daqueles que vinham de fora em busca de fortunas.

Nesse sentido, é notório por meio do referido livro que as ideias edênicas destas terras amazônicas, ficavam apenas nos sonhos dos que passavam por esta região. O Eldorado amazônico é desfeito por Alberto Rangel, uma vez que este mostra a bárbara realidade enfrentada pelos homens da terra, os quais não viviam em plena harmonia enquanto sociedade, como em um paraíso, mas também convivem com injustiças e desigualdades sociais. Além disso, são retratados em suas ambientações cenários não apenas de belezas naturais, de riquezas, prosperidades e o desfrutar de uma vida pacata, mas um espaço tal como é de fato (fora da ficção), também com deformações e imperfeições, bem como a realidade frustrante que certos exploradores enfrentavam ao chegar à Amazônia.



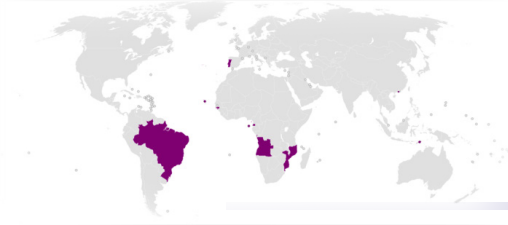
São evidenciadas nos diversos contos as injustiças sociais sofridas pelo povo amazonense nessa época. É retratado que no predomínio extrativismo de látex, os trabalhadores seringueiros não usufruíam de condições de trabalho justas, estes se submetiam ao domínio de exploradores que se autoproclamavam os “donos de terra”; da mesma forma indígenas e ribeirinhos lutavam contra estes dominadores em defesa do lugar onde habitavam; a condição feminina sendo rebaixada, as mulheres não tinham direitos iguais aos dos homens; a exploração humana era abrangente, principalmente através do trabalho semiescravo; propagavam-se as violências, os furtos, as doenças, as chagas... Mas o terror maior do homem (sobretudo do estrangeiro) era a própria natureza, esta apresentava também suas forças, as quais poderiam estar nas cheias dos rios, nas agitações destes, pondo em risco aqueles que navegavam, correndo o risco de ser a presa de um animal, que apresenta suas armadilhas traiçoeiras nas matas.

Diante das circunstâncias angustiantes e conflituosas naquele lugar, principalmente entre a natureza amazônica e o ser humano, não mais era possível definir esta região como paraíso perdido, ao contrário, como inferno. O professor Allison M. Leão da Silva (2008), ao analisar o conto “Inferno Verde” faz uma ressalva sobre a forma pela qual é construído o espaço desse relato, em que, concomitantemente, aborda essa questão que contraria a ideia edênica desta terra:

Estamos, entretanto, no início de uma narrativa cronologicamente linear, na qual a até aí equilibrada balança da relação entre bem-estar e desconforto com o meio natural penderá sobremaneira para o mal-estar, a agonia e o desespero: o inferno. Ou, para utilizar o termo que se consagraria como um dos pólos do binômio fundamental na literatura produzida no Amazonas em praticamente todo o século XX, o *Infernismo* (Silva, 2008, p. 14).

Ou seja, a obra focaliza, sobretudo nesses aspectos trágicos, aflitivos e conflituosos entre o homem e a natureza amazônica, dos quais as forças do meio natural tendem a prevalecer. O ambiente, o espaço, as florestas e a própria selva oprimem os sujeitos invasores no cenário construído pelo narrador, constituindo-se, assim, o habitat neste lugar como um real “Infernismo”. Aqueles que se atreviam a enfrentar a natureza acabavam sendo dominados por ela, de tal modo que o intruso chegava a ser sufocado e oprimido cruelmente por esta. Em decorrência disso, suas intenções de exploração se convertiam em desespero, sofrimento, doenças e até em morte, como no caso da personagem Souto que teve um fim de forma apavorante no meio da mata. O estudioso Marco Paiva (2011) comenta:

A presença da natureza, portanto, se dá ora através da sua participação direta nos diferentes episódios, ora através da sua descrição minuciosa como cenário propício para o desdobramento das diversas atrocidades



e desmandos sociais que lá ocorrem, favorecendo, assim, um traço trágico e horrendo ao conjunto da obra (Paiva, 2011, p. 345).

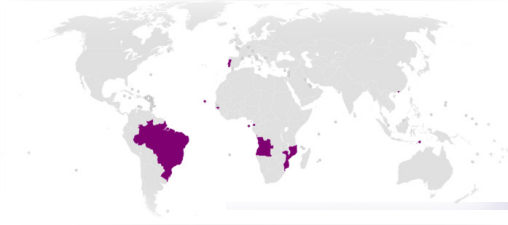
A natureza ganha realce na narrativa tornando-se relevante e se sobressai nas descrições, tanto de forma ativa como de forma passiva. Ativa por aparecer como um elemento da narrativa em sua “ação” e com isso é influente e determinante no comportamento de outros constituintes na história, especialmente na conduta das personagens; e passiva por se apresentar de forma detalhada como cenário ideal onde ocorrem as ações dos outros componentes dos relatos. O primeiro modo em que a natureza é narrada gira em torno, geralmente, de um confronto infernal entre esta e o “sujeito invasor”. Marco Paiva (2011) ao tratar das intrigas entre os homens (nativos, caboclos e “intrusos”) da região ressalta que:

Esse conflito, por seu turno, ocorre sempre à sombra daquela que se converte ao longo da obra na principal personagem: a natureza amazônica. É sempre ela quem, nos desfechos dos contos, ou se alia ao elemento nativo contra o invasor, ou se torna o refúgio e referência dos “fracos” (caboclos) perante o poder dos “fortes” (aventureiros/ádvénas) (Paiva, 2011, p. 345).

A natureza configura-se como um elemento principal na narrativa. Poucas vezes ela é representada como um constituinte de exploração humana, pois suas dinamicidades, movimentos e ações ocorrem com intensidade de tal forma que exerce grande influência na vida do residente e aventureiro/invasor do espaço ficcional dos contos. Portanto, a natureza é arquitetada como um ser indomável, que espreita e maquina o mal contra o “explorador”, deixando de ser somente projetada como cenário ou pano de fundo das narrativas, mas também como uma personagem principal que luta, resiste, afronta e oprime seu inimigo – o homem. Aspecto também encontrado no romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, na qual a personagem Alberto, como estrangeiro que ousa aventurar-se na selva amazônica, tencionando encontrar riquezas, torna-se mais uma “vítima” da imensidão natural, pois este, semelhante à personagem Souto, é oprimido pela natureza.

2 ALBERTO RANGEL

Antes de aprofundarmos neste assunto, é fundamental que tenhamos o conhecimento de quem foi o autor desta obra, bem como sua relevância para os estudos literários, especialmente a literatura amazonense. O estudioso Marco Paiva (2011) faz alguns comentários referentes à vida deste escritor:



Alberto Rangel nasceu na cidade de Recife em 20 de maio de 1871. Após residir em São Paulo durante algum tempo, mudou-se para o Rio de Janeiro onde cursou a Escola Militar da Praia Vermelha. Lá iniciou sua formação em engenharia, concluída no Rio Grande do Sul. [...] Em 1904 transferiu-se para a Amazônia a fim de assumir os cargos de diretor de Terras e Colonização e de Secretário Geral do governo do Estado do Amazonas na gestão de Constantino Nery, um dos principais líderes das oligarquias locais (cf. Menezes, 1978, p. 564 e Bittencourt, 1959, p. 65). Após cruzar o Brasil de norte a sul, e seguindo a voga do período, quando diferentes intelectuais buscavam desvendar os sertões brasileiros¹ (cf. Lima, 1999), não é difícil deduzir o quanto o então pretendente a escritor intentava descobrir o seu próprio país e externar as suas impressões e angústias através da literatura (Paiva, 2011, 341-342).

Em 1907, Rangel regressa ao Rio de Janeiro, nesse mesmo ano entrega os originais de *Inferno Verde*: cenas e cenários do Amazonas para Euclides da Cunha o prefaciá-lo. Em 1913, Alberto Rangel publica *Sombra n'água*, volume de contos que traz novas imagens e miragens amazônicas. Após alguns anos, escreve outro livro de contos intitulado *Quando o Brasil amanhecia* (1915), publica depois de alguns anos o escrito *Livros de Figuras*, (1920). Posteriormente, publica os livros que foram frutos dos seus estudos históricos, dentre os quais: *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* (1912), *Fura Mundo* (1922), *Lume e cinza* (1924), *Textos e pretextos* (1926), *Gastão de Orléans* (1935). Nos últimos momentos de sua vida ainda produziu textos para teatro. Sua última obra a ser publicada foi *A Educação do príncipe*: esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II (1945). Em 14 de dezembro de 1945, perece em Nova Friburgo (RJ).

Rangel contribuiu de forma singular com a literatura amazônica, sobretudo com *Inferno Verde*. Este escritor em um estilo ríspido e inquietante, expõe assuntos conflituosos e intrigantes do cenário regional do final do século XIX e início século XX, especialmente no período do ciclo da borracha, em que com gestos de denúncia adentra nas brenhas da mata para mostrar o outro lado do paraíso, por meio de flagrantes da realidade local que ocorriam no interior da diversidade selvática e em meio aos seres vivos que se encontram nesta terra.

Embora na condição de sujeito que não é oriundo desta referida localidade, retrata temas extremamente realistas do povo residente desta região. Com certa influência de Euclides da Cunha, apresenta uma concepção diferenciada referente à Amazônia, este a descortina de tal modo que é descoberto por de trás da ideia edênica de Eldorado amazônico, relatada em outras obras literárias e registros históricos. Um grande conflito existente na e contra a natureza, em vista disso predomina a temática infernal nos contos da obra em estudo.

3 O CONTO “INFERNO VERDE”

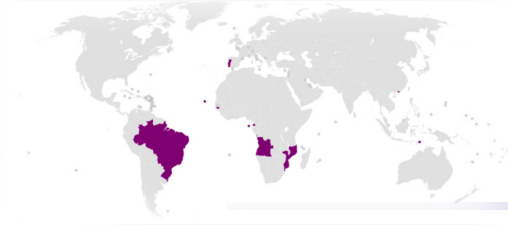
Para melhor compreendermos o relato que será analisado, é essencial tecermos algumas considerações sobre o gênero textual conto. Este se refere a relatos marcados pela narrativa curta, escrita em prosa e com menor extensão em comparação aos romances. Norman Friedman (2004) apresenta discussões sobre este gênero em analogia com o romance, principalmente no que diz respeito à brevidade de um e amplitude do outro: “Um conto pode suscitar suspense e expectativa, pena, repugnância, esperança e temor, tanto quanto um romance, e pode resolver todas essas emoções de um modo completo e satisfatório” (Friedman, 2004, p. 221).

O gênero conto se constitui em uma história produzida em prosa e de maneira concisa. Aliás, estas são suas características mais específicas, visto que muitos contistas, diante as inovações e variedade literária atuais, têm a liberdade de utilizar diversas formas de estruturação em seus relatos, sem que isso interfira na sua classificação.

Estes abordam temáticas não somente épicas, folclóricas ou fantasiosas, mas qualquer flagrante do cotidiano que lhe interessa para seus textos literários e que servirão para reflexão, lição e até como denúncia para sociedade. Logo, tal gênero corresponde a narrativas de acontecimentos verossímeis, de modo geral apresenta um enredo, em que a história gira em torno de uma única situação; um espaço de tempo, na qual as tramas são apresentadas em curtos momentos; o início perto do final, assim os relatos começam próximo do clímax e do desfecho; e, portanto, um final inesperado e objetivo.

O conto que fecha o livro *Inferno Verde*, seu homônimo, diz respeito à história da personagem Souto, um engenheiro que resolve se aventurar pela Amazônia em busca de mais conhecimentos e riquezas, “[...] era o “gaiola” que deixava o Souto no alto Juruá, desterrado para a luta, na delirante vida de explorar um sertão” (Rangel, 2008, p. 143). Entretanto, já no princípio do relato, a saudade de sua terra, o isolamento que lhe levou à solidão, ao sofrimento e à angústia começou a esfriar os sonhos e as expectativas de Souto: “Mas, as esperanças que tanto acalentavam o Souto, desertaram do seu coração, vendo sumir-se na volta do rio o barco que o trouxera com o derradeiro aviamento” (Rangel, 2008, p. 143).

No decorrer da narrativa, agredido pelas enfermidades e pelo acometimento incomodante dos insetos daquela região, o engenheiro já não conseguia nem se quer sossegar e repousar. “Tudo conspirava para aumentar de pungência o sacrifício do Souto. Os piuns supliciavam a jornada [...]” (Rangel, 2008, p. 151). Cada vez mais a febre do engenheiro aumentava e, desde então, a cada início do dia “[...] os olhos do Souto se emolduravam num bistre forte, no rosto entalhado em linhas ásperas de magreza lívida”



(Rangel, 2008, p. 154), ou seja, a viagem do estrangeiro em busca de fortuna converteu-se em aflição, desespero e opressão.

Perante a intensidade da doença, Miguel, seu companheiro recomendou que Souto regressasse ao Juruá: “Oito dias assim estive o Souto no Funil, em delírios, inapetências e calmas passageiras. E a definhar sempre... O aviado aconselhou a volta ao Juruá” (Rangel, 2008, p. 155). Antes de chegar no destino, o enfermo extremamente mal, pede a Miguel que cesse a jornada em determinado local. Após se acomodarem no ambiente, o caboclo move-se a procurar ajuda ao doente: “Vendo que o patrão sossegava, Miguel, às pressas, engolindo o chibé, saiu a sondar os arredores, a buscar alguém para com ele assistir o doente. E, provavelmente, haveria um socorro...” (Rangel, 2008, p. 161).

Aproveitando que Miguel não estava mais presente, rapidamente, o coitado do Souto saiu de seu leito. Ao descer do alojamento para adentrar no roseiral, pulsando-se todo “em gestos convulsionados”, Souto, já demasiadamente machucado e “[...] tropeçando, debatendo-se no roseiral, deflorava-o, ceifando-o num desancar de tufão” (Rangel, 2008, p. 162). *É neste momento crucial, no ápice de Souto, em aflição e desespero, que ele nomeia a terra amazônica de “Inferno Verde”:* “Justamente quando o Miguel chegava, acompanhado de um seringueiro, ele caía no estendedouro do rosal, apostrofando à mata, esposada com o rio: - Inferno!... Inferno... Verde!” (Rangel, 2008, p. 162).

Contudo, suas palavras foram pronunciadas insignificadamente, pois a opressão da natureza lhe dava por vencido: “Não houve eco que apanhasse e devolvesse as palavras de fel dos lábios do Vencido. A terra ambiente com elas ganhava o dístico e o ferrete – INFERNO VERDE!” (Rangel, 2008, p. 162). Portanto, é perceptível neste relato o conflito existente entre opressor e oprimido, o meio natural, resistentemente, confrontando e sufocando até a morte o homem explorador inadaptado à terra.

São em meio a esses conflitos e cenas existentes na selva que são apresentados, predominantemente, os elementos que compõem a natureza, ou seja, os constituintes do cenário amazônico de destaque. Embora as histórias sejam interessantes e reflexivas, a instância que narra sempre chama a atenção do leitor para, também, observar a paisagem que integra a narrativa. Dessa forma, percebemos que no momento da descrição do ambiente ocorre, concomitantemente, a construção de várias paisagens, as quais são projetadas não apenas como complemento do espaço, mas como um componente principal que, em muitas circunstâncias, chega a ganhar mais notoriedade que as próprias personagens.

4 A PAISAGEM COMO PROTAGONISTA

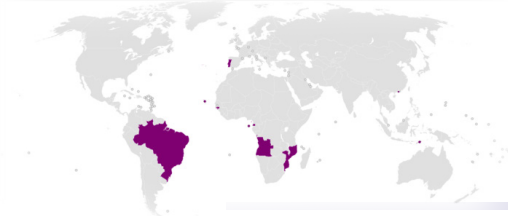
A paisagem como constituinte do espaço real e ficcional é um elemento existente desde os primórdios, a qual “está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. A ideia embrionária já existia, baseada na observação do meio” (Maximiano, 2004, p. 84). Sempre foi um objeto de contemplação nas telas, nos horizontes, nas imagens e em outras espécies de representações. Paisagem corresponde a um vocábulo que vem do francês *paysage*, expressão que designa extensão de território que se abrange com um lance de vista, ou seja, é tudo aquilo que é observável, individualmente, conforme as palavras de Collot, em um único “golpe de vista”.

Nesse sentido, essa unidade espacial é concebida, principalmente, através da percepção de determinado observador, este é quem a define e a julga, arquiteta, imagina ou idealiza enquanto bela/admirável horrível/feia e negativa ou positiva para si. O Intelectual Michel Collot afirma que “a paisagem se define inicialmente como espaço percebido: ela constitui ‘o aspecto visível, perceptível do espaço’” (Collot, 2012, p. 11). Dessa forma, apreende-se que a paisagem é uma integrante do espaço ou do ambiente inerente ao homem, em vista disso, cada indivíduo tem uma perspectiva a cerca deste termo, pois este a define conforme sua concepção.

Na ficção, este aspecto do espaço é representado tanto como pano de fundo: um cenário propício para se sucederem as ações da narrativa; como em proeminência: o espaço percebido que, ao se destacar, se torna influente na conduta das personagens e de outros componentes da história. Deste modo, a paisagem está sempre presente direta ou indiretamente, passível ou ativamente nas cenas verossímeis. Os narradores e personagens a descrevem conforme suas percepções, podendo esta integrante do ambiente aparecer em formação, estável, em movimentação, transformação ou alterações e até em “ação” sobre os sujeitos da história, pois ela é, assim como no real, elemento imprescindível dos relatos fictícios.

Na obra *Inferno Verde*, dá-se ênfase à paisagem no espaço, de tal maneira que este componente se destaca nas narrativas, pois nos contos são apresentadas, de forma detalhada, descrições de elementos que integram a natureza amazônica, tais como: rios, árvores, animais e outros elementos da/na própria terra. Com isso, o narrador ao construir sua narrativa (as ações, as personagens, o espaço, as cenas e cenários) expõe estes constituintes em evidência, de modo que as personagens chegam a ficar em segundo plano, passando a dar realce a outro aspecto que faz parte da história, a saber, a paisagem.

Durante a leitura do relato “Inferno Verde”, nota-se que o sujeito que narra quando conta a história de Souto, dispõe os elementos que compõem a natureza amazônica em proeminência. Já no início da viagem do engenheiro, nos rios da Amazônia, o narrador-



viajante se prende a observar o cenário da região: “E, como era março, a cheia, em pleno, dava à paisagem um aspecto aguacento de dilúvio” (Rangel, 2008, p. 144-145). No decorrer da narrativa, ao serem relatadas as ações das personagens, de forma breve, na maioria das vezes, tais componentes são apresentados de forma prolixa e com realce:

Quando as montarias partiram na teima da faina o dia ia alto; mas entre os paredões de pedra e na sombra completa das copas, que os galhos sustentavam em nervuras de abóbodas por sobre o igarapé fraguado, remansoso e belo, a impressão era de ser tarde feita. Grandes borboletas azuis passavam lentas, evoluindo, balanceando entediadas na penumbra (Rangel, 2008, p. 154).

No referido trecho, durante a narrativa das aventuras de Souto pela Amazônia, o narrador ao mudar sua visualização dos sujeitos da história para a observação e descrição minuciosa e organizada de constituintes do espaço, os quais reunidos integram o cenário, oferece o processo de configuração da paisagem. Ou seja, a reunião de todos esses elementos (os paredões de pedra, a sombra, os galhos, as abóbodas e etc.) em determinada parte da região, na percepção do agente que narra, concebe a formação deste aspecto espacial. Deste modo, nota-se nos primeiros períodos desta parte do texto a exposição de uma paisagem estática.

O descritor apresenta sua impressão referente a cada item deste constituinte visual, em que ao ser posto em evidência é, também, idealizado, de maneira que é expresso como algo que está pronto. Portanto, estável por não haver movimentação ou alterações, todos os elementos aparecem organizados em seu devido lugar, arquitetando este componente no espaço, o qual chama a atenção do narrador.

Em outras circunstâncias do conto, é evidente a construção da paisagem não somente em processo de formação e de maneira estática, todavia em movimentação e dinamicidade:

A água se esgota pelo rasgão do rio; e o castigo dos barcos retardatários é ficarem ao alto das praias, com o casco escorado, em seco, enquanto em torno, plantadas pelos embarcações, lavradores *ad hoc* por sedentários, os milhos pendoam, o feijão floresce e os jerimuns e melancias estendem-se, amadurando na areia os frutos enormes (Rangel, 2008, p. 156).

Durante o processo de configuração da paisagem enquanto natureza, o narrador a projeta de forma dinâmica, em que cada componente se estabelece no espaço para constituição deste aspecto do ambiente, o qual está em movimentação em virtude do esgotamento da água e desenvolvimento e/ou crescimento da vegetação na margem do rio. “Estes elementos de paisagem organizam-se de maneira dinâmica, ao longo do tempo e do

espaço. Resultam daí feições e condições também dinâmicas, diferenciadas ou repetidas, o que permite uma classificação” (Maximiano, 2004, p. 90). Então, constantemente é apresentada inovação na paisagem ou uma distinta projeção para esta.

Outro momento em que ocorrem essas descrições, acontece quando Souto na sua última parada de uma longa viagem começa a subir no cais com a ajuda do Miguel, em que o narrador se prende a relatar:

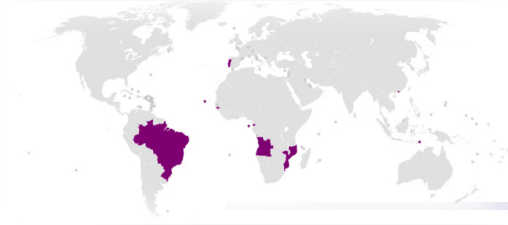
Na grimpa do barranco, um capitarizeiro matizava-se aparatoso de flores jalnes. No terreiro, jurutis que ciscavam, tomadas de susto, abalaram para o refego dos arbúsculos. A muito custo alcançaram o estrado da tapera de jarina, que estava toucada, na aberta da mata, da maravilhosa floração de um grande roseiral (Rangel, 2008, p. 160).

Neste fragmento do texto ocorre, além da formação e idealização da paisagem, a alteração desta, pois ela modifica-se conforme a saída das aves: jurutis. A retirada de um elemento para outro, dá um novo aspecto ao cenário, assim sendo construída uma nova paisagem no campo de visão do narrador. Em se falando de um relato ficcional extremamente realista que se passa em uma ambientação natural e diversificada como a região amazônica, comumente este processo de transformação paisagística ocorrerá predominantemente. Dessa maneira, são notáveis, em toda a narrativa, novas paisagens contempladas e pintadas pelo narrador-viajante.

Neste sentido, quando o narrador, em praticamente todo o conto, altera o enfoque das ações das personagens para, então, observar e descrever, organizadamente e/ou pormenorizadamente cada elemento do ambiente, proporciona a construção de uma paisagem, a qual é arquitetada destacadamente. Em vista de todo esse relevo e reunião de componentes ficcionais, simultaneamente é fornecido o protagonismo ao referido aspecto espacial. Portanto, constituindo-se como um integrante relevante na narrativa, em que é projetada não somente para servir de pano de fundo ou como mero componente que completa a história, mas como um elemento principal que pode ser influente e determinante nas atitudes das personagens e do narrador.

5 AS INFLUÊNCIAS DA PAISAGEM NA VIDA DAS PERSONAGENS E NARRADOR NO RELATO “INFERNO VERDE”

Inferno Verde, ao referir-se em uma obra rigidamente realista, mais especificadamente naturalista e no contexto da Amazônia, privilegia evidentemente os aspectos do espaço (em seus mínimos detalhes) até mais que as personagens e suas ações, como na obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em que há predominante descrição do meio ou cenário em que acontecem as histórias. A cerca



desse aspecto, o crítico Marcos Frederico Krüger, em análise introdutória referente aos relatos de Alberto Rangel, da obra em estudo, discorre:

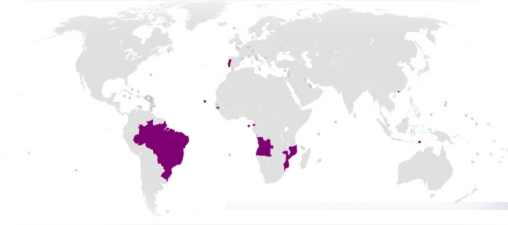
Tradicionalmente, as narrativas sobre a Amazônia, em face à grandiosidade do meio e da paisagem deslumbrante, tendem a privilegiar o *espaço*, em detrimento de outras categorias da ficção, como, por exemplo, os *personagens*, que, se bem explorados, propiciariam uma visão adequada dos seres humanos. O que se lê em *Inferno verde* [...] não é diferente; porém, a técnica utilizada para revelar o mundo amazônico distingue esse escritor de outros que tentaram o mesmo desafio (Krüger, 2008, p. 9; grifos do autor).

Como foram mencionadas pelo crítico, as produções literárias naturalistas tendem a dar prestígio a ambientação, pois os escritores ao deixarem suas impressões a respeito das realidades, como as da Amazônia do século passado, inclinavam-se, sobretudo, a retratar o espaço em que se sucedem as narrativas. Em consequência disso, percebemos o quanto o meio pode ser influente e determinante no comportamento dos sujeitos que fazem parte das histórias fictícias, pois através dos seus sentidos as personagens são instigadas a agirem de várias maneiras.

Em vista disso, é perceptível, ficcionalmente, que a paisagem ao ser realçada, também pode ser determinante nas ações e reações dos sujeitos, principalmente por meio do sentido visual destes. A projeção deste constituinte pode ser um estímulo na percepção do agente da narrativa, pois uma paisagem deformada, com elementos pouco apreciáveis, causa sensação ruim ao espectador. Por outro lado, quando este aspecto espacial é apresentado com aspectos estéticos e bem construído, faz com que o observador tenha uma impressão ou sentimento positivo da região contemplada.

O professor Allison Leão da Silva (2008), ao argumentar sobre a forma com que o personagem Souto encara a natureza no percurso de sua viagem, expõe, simultaneamente, dois pontos de vistas que este sujeito teve em relação a paisagem, os quais são indubitavelmente, influentes na conduta deste:

Neste ponto há uma primeira distinção a ser feita sobre os modos como Souto encara o ambiente. De um lado, ele guarda uma postura favorável em relação à natureza, como naquela contemplação em sua viagem até o Alto Juruá. De outro, quando ele está fisicamente inserido na mata, sua percepção converte-se num tremendo mal-estar. Ou seja, quando a floresta lhe é um quadro externo, visto da perspectiva melíflua do rio, a sensação que o acompanha é das mais agradáveis, tocando o deleite metafísico; porém, quando está, mais que perto, dentro do quadro, a exacerbação epidérmica o assalta fustigantemente (Silva, 2008, p. 15-16).



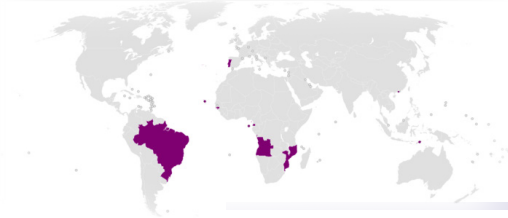
Conquanto o engenheiro tenha demonstrado saudade de sua terra e desconforto perante o novo ambiente, ao contemplar as paisagens amazônicas durante sua viagem com destino ao Alto Juruá, têm inicialmente, expectativas positivas sobre aquele espaço que para ele ainda era desconhecido: “Esse relancear pelo cosmorama da viagem derivou a crise hipocondríaca do Souto, até se distrair em contemplar a tarde” ocasião em que a “natureza tinha um momento de calma, na sua estesia de calor, de luz e de vegetação. Isso acabou restaurando-lhe os nervos” (Rangel, 2008, p. 145-146). Porém, ao adentrar na mata, suas perspectivas tornaram-se impresumíveis, isto é, suas esperanças converteram-se, nas palavras de Silva em “tremendo mal-estar”, pois aquilo que foi visto de longa distância, em sua proximidade não era algo apreciável, ao contrário, algo negativo, aspecto notável por meio dos verbos no trecho: “O bananal apertava a barraca; a floresta sufocava o bananal; e, por sua vez, o céu esmagava a floresta. Foi esse o primeiro pouso de Souto, no remoto confluente de Solimões” (Rangel, 2008, p. 146-147). Logo, através dos verbos que o narrador utiliza para descrever a paisagem “apertava”, “sufocava” e “esmagava” é notório como se deu o desconforto de Souto ao ser introduzido naquela ambientação.

Dessa forma, percebemos dois modos de se ver uma paisagem: uma visão externa e distanciada, outra interna e de perto. Collot (2012), ao discorrer a respeito da paisagem em conjunto e percebida de longa distância, argumenta que:

Justamente porque não se dá a ver por completo, a paisagem se constitui como *totalidade* coerente; ela forma um “todo” apreensível “de um só golpe de vista”, porque é fragmentária. Um conjunto que não se define senão pela exclusão de determinado número de elementos heterogêneos (Collot, 2012, p. 16, grifos do autor).

De acordo com este estudioso, aquilo que é visto de longe se configura como um todo compreendido no campo de visão do espectador, de modo que a paisagem é determinada, porém, com eliminações dos seus componentes, assim se definindo como unidade ou conjunto. Em decorrência disso, o personagem Souto, quando observa de longe este aspecto espacial, designa uma impressão definida da paisagem, a qual é ilusória e, conseqüentemente expressa uma realidade aparente da região, uma vez que, quando está inserido naquele ambiente, se depara com elementos antes ocultos deste item do espaço.

Collot (2008 p. 15) afirma: “Todo objeto percebido no espaço comporta uma face oculta, que, se escapa ao olhar, não deixa de ser levada em conta pela inteligência perceptiva para determinar o sentido próprio do objeto”. Em virtude disso, o referido sujeito do relato enquanto forasteiro, por meio de sua percepção, apresenta outra reação sobre aquela realidade: sensação negativa. Portanto, é evidente a influência que este



constituente da região exerce no sujeito da narrativa de Rangel, fato percorrido pelo narrador.

Enquanto este constituinte é determinante na vida do engenheiro que é estrangeiro, em contrapartida, na visão das personagens oriundas e já adaptadas na terra esta exerce uma influência diferente. Os sujeitos Miguel e Chico Brabo e os demais homens da viagem acostumados com aquele espaço, em comparação a Souto, não sentem estranhamento perante aquelas paisagens, o estrangeiro é surpreendido pelo que vê. Já os indivíduos que vivem na região têm em seus inconscientes a paisagem já definida da maneira em que aquela realidade proporciona, podendo, então, ser uma novidade ou não a eles. São elementos vistos corriqueiramente e, na maioria das vezes, de forma positiva.

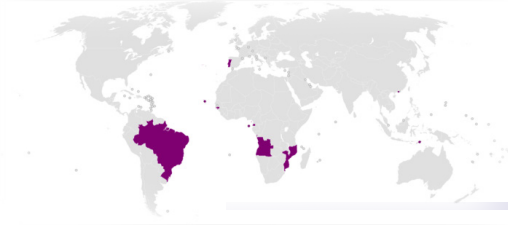
Collot (2008), ao analisar os pontos de vistas distintos de espectadores acerca da paisagem, comenta: “Isso porque as falhas no visível são também o que articula o campo visual do sujeito com o de outros sujeitos: o que é invisível para mim em determinado instante é o que um outro, no mesmo momento, pode ver” (Collot, 2008, p.15). Neste sentido, é perceptível a diferença entre a perspectiva do morador da região e estrangeiro, porém, o caboclo como indivíduo do local identifica-se com este componente visual. João de Jesus Paes Loureiro (2015) comenta que:

Para o caboclo, o homem do lugar, a paisagem que o envolve como cenário de um anfiteatro, completa, estende e liberta sua personalidade. Sobre esse tema da identificação do homem com a paisagem, há uma vasta documentação literária (Loureiro, 2015, p. 153).

A paisagem como elemento do ambiente deste homem amazônico oferece sensações prazerosas a este. Ela se constitui como um cenário propício para sua habitação, é possível contemplá-la das mais variadas formas, nas viagens, nas atividades de plantação e cultivo, no percurso de suas pescarias, durante suas caças e outros. Ou seja, este constituinte visual para os personagens (os caboclos) que acompanhavam Souto era um item da ambientação que promovia harmonia, admiração e bem-estar, ou seja, um componente determinante na vida destes, porém, de forma positiva.

Neste sentido, é perceptível que não apenas as personagens, são influenciados por este elemento visual, pois o próprio narrador-viajante, durante toda narrativa, contempla as paisagens daquele espaço. No entanto, diferente dos sujeitos do relato, este expressa suas impressões com mais evidência referente a este aspecto espacial, fato notável no período final da história de Souto:

Fora em semelhante fogueiro, a natureza febricitante ardia. O sol despejava na tapera e no roseiral um metal fundido e translúcido. A



glória do dia, a pino, exprimia-se no desespero de abrasar tudo. Aquele recanto da terra dourava-se a fogo” (Rangel, 2008, p. 161).

Seguindo com a visão sobre o rio: “A água espelhenta do rio era aço líquido, borbotado de um forno, escoando-se no molde”. No ápice de Souto, o narrador ainda continuava expressando sua percepção a respeito das dimensões do cenário: “Ao pôr-do-sol caldeante a pompa flavescente do dia descorava, escurecendo-se; empanavam-se os seus ouros rútilos e irradiados ficavam os seus diamantes” (Rangel, 2008, p. 161).

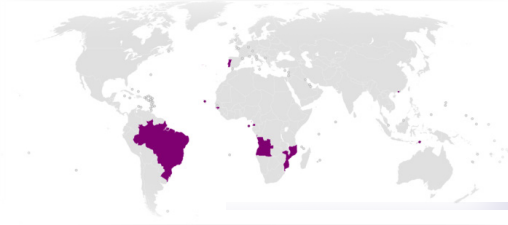
Um momento em que geralmente dá-se ênfase às ações, dramas e conflitos dos personagens: o desfecho; o agente que narra, detém-se a descrever o ambiente em sua volta. Relatando e caracterizando minuciosamente, cada componente do espaço, desde o pôr-do-sol penetrando a natureza até a terra e o rio, causando um aspecto diferenciado: de “fogueira”, “metal fundido e translúcido”; bem como um rio comparado a um “aço líquido”. Ou seja, temos um relator que vê a paisagem arquitetando-se de várias formas e aspectos.

Deste modo, o sujeito que conta a história apresenta este constituinte visual tanto de forma positiva como negativa, isto é, enquanto cenário belo e agradável e em seus aspectos deformados, conforme seu olhar, o que torna relevante o comentário de João Loureiro (2015) ao afirmar: “O olhar é a fonte de observação, percebe os aspectos delicados e diferenciais das coisas, estabelece vias de gosto e de julgamento” (Loureiro, 2015, p. 149). Torna-se válido ressaltar o quanto o cenário amazônico chama atenção do narrador durante o percurso da narrativa, de tal maneira que este é instigado a expor, em seus mínimos detalhes, suas admirações as diversas paisagens encontradas na selva amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem, diferentemente da natureza, da selva e dos rios, é um elemento imprescindível das produções literárias, pois estes elementos sempre são apresentados na maioria das narrativas. Porém, projetam-se apenas em textos ficcionais ambientados no campo, nas matas e floretas. Aparecem, semelhantemente, ao elemento em estudo, tanto destacadamente ou como um mero complemento das histórias. Já este aspecto espacial analisado integra todo tipo de espaço, uma vez que é, além de paisagem natural, paisagem urbana, industrial, patrimonial e todas as dimensões espaciais a vista de um observador, o homem.

Dessa forma, confirmando-se a inerência entre este objeto visual e o sujeito, além do indivíduo constituir a paisagem por meio do sentido visual, este é englobado por esta, ou seja, é um elemento que está presente na vida deste espectador de várias maneiras e



em várias circunstâncias (nas cidades, nos campos e em todas as dimensões da natureza). Como foi visto no relato que encerra a obra *Inferno Verde*, é um constituinte que tanto pode servir de apoio ou aliado ao ser humano, como de confronto ou incômodo a este.

Constatamos na obra *Inferno Verde*, que além dos flagrantes dos conflitos sociais, aflições existentes em plena selva amazônica e uma natureza que também luta, resiste e confronta o intruso, as paisagens se sobressaem nos contos de Rangel de forma evidente, especialmente no último conto, homônimo do livro. Em seus relatos, o autor, ao prender-se em descrever, detalhadamente, os elementos naturais que integram a região amazônica, põe as paisagens em destaque. Assim, a reunião de todos os componentes da natureza ao alcance da vista de observadores ficcionais, personagens e narradores, os quais projetam, conforme suas perspectivas e experiências, este aspecto do ambiente, das mais variadas formas.

Não sendo, necessariamente, um pano de fundo na narrativa, mas também sendo protagonista, em que dependendo do ponto de vista do indivíduo, a paisagem pode ser determinante na vida das personagens e do narrador da história, de maneira que esta se configura como um cenário positivo ao caboclo e/ou nativo e negativo ao estrangeiro (explorador), perceptível no relato em estudo.

Diante do exposto, a configuração da paisagem na narrativa de Alberto Rangel, no conto “Inferno Verde”, ocorre de modo predominante, pois percebemos que em cada cenário onde as cenas se sucedem as paisagens arquitetam-se tanto para dar um aspecto comum ao ambiente como uma aparência nova, bem como para causar impressões positivas como sensações negativas às personagens e ao narrador. Portanto, corresponde a um componente relevante e indubitavelmente imprescindível às cenas verossímeis deste conto que retrata a ambientação natural da Amazônia do século passado.

REFERÊNCIAS

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. Tradução de Denise Grimm. In: Negreiros, CARMEM; Lemos, MASÉ; Alves, IDA (Orgs.). **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro, Edições Makunaima, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRIEDMAN, Norman. O que faz um conto ser curto? Tradução de Marta Cavalcante de Barros. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 219-230, setembro/novembro 2004.

KRÜGER, Marcos Frederico. Grande Amazônia: Veredas. In: RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2008.



LEANDRO, Rafael V. **"Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia"**.

Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília DF, 2011.

LOUREIRO, João J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. In: R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

PAIVA, Marco A. C. O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, no 26, jan./abr. 2011, p. 332-362.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2008.

SILVA, Allison M.L. **Representações da natureza na ficção amazonense**. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.